

ATIVISMO INTELECTUAL DE MULHERES NEGRAS: A EXPERIÊNCIA NOS COLETIVOS DO SUL DO BRASIL

CAMILA BOTELHO SCHUCK¹; MIRIAM STEFFEN VIEIRA²

¹Universidade do Vale do Rio dos Sinos – camila.seer@gmail.com

²Universidade do Vale do Rio dos Sinos – miriamsteffen@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Os estudos feministas têm passado por inúmeros desafios teóricos no que diz respeito à multiplicidade de vertentes, desenvolvendo aplicação de suas categorias na produção acadêmica, mas também têm feito parte da formação de mulheres negras para diversos fins, dentre os quais elencamos o incentivo de lideranças, formação política e compartilhamento do conhecimento. Buscando observar os caminhos das correntes teóricas desenvolvidas por mulheres negras e suas implicações nos movimentos sociais, o presente trabalho tem o intuito de discutir algumas iniciativas que vêm sendo desenvolvidas no Sul do país e a bibliografia utilizada para tais propósitos.

Neste vasto campo do pensamento feminista negro, destacamos três tradições intelectuais que podem ser identificadas em atividades de formação desenvolvidas por coletivos: (1) a de intelectuais brasileiras e latino-americanas, (2) a de norte-americanas e (3) a de africanas. Com relação às intelectuais brasileiras, como Lélia Gonzalez, Sueli Carneiro e Beatriz Nascimento, discutimos em uma perspectiva do feminismo negro, o qual é composto por mulheres que atuam em uma luta antirracista, dimensão também explorada por pensadoras feministas negras latino-americanas como Ochy Curiel.

No que tange aos escritos de Lélia Gonzalez, há elementos fundamentais para discutir, no entanto, nosso interesse na autora se dá principalmente pelos elementos que explicam o cerne do feminismo negro. Sua crítica ao feminismo promovido por mulheres brancas, enquanto uma perspectiva hegemônica, que reivindicavam direitos que eram concedidos somente aos homens, revela a flagrante invisibilidade das mulheres negras que na mesma época ainda não eram vistas como mulheres¹, fruto de um longo processo de desumanização advindo do racismo estrutural. Desta forma, Gonzalez constata que: “[...] a libertação da mulher branca se tem feito às custas da exploração da mulher negra” (GONZALEZ, 1979, p. 15).

Já a escolha da filósofa Sueli Carneiro, dentre inúmeras intelectuais negras, tem seu motivo pautado nos aspectos trazidos desde sua tese de doutorado (CARNEIRO, 2005), na qual a autora discute a categoria poder nas relações sociais, produzindo assim o epistemicídio do pensamento negro, conceito que consiste em um dispositivo fundamental para a hierarquia racial, envolvendo principalmente a educação (CARNEIRO, 2005, p. 33). Outro ponto fundamental de sua obra, é a apresentação de como esse epistemicídio se desdobra dentro das universidades, desqualificando a produção acadêmica de pesquisadores negros/as (CARNEIRO, 2005, p. 59). Por último, ainda discutimos a desqualificação da mulher negra – que também é discutida em sua tese, perpassando múltiplos aspectos, e que, como uma das saídas, a autora propõe o enegrecimento do feminismo (CARNEIRO, 2003, p. 118).

1 Tal ponto pode ser exemplificado – para irmos além da teoria – pelo emblemático discurso de Sojourner Truth (Brah;Phoenix, 2004, p.76) em 1851 no evento Women’s Rights Convention nos Estados Unidos. Tal discurso tem se mantido atual e utilizado por muitas intelectuais do Feminismo Negro.

A última intelectual brasileira que trazemos para esta discussão é a historiadora Beatriz Nascimento, que em seus 20 anos de produção buscou denunciar a invisibilidade dada os temas referente a história da população negra (NASCIMENTO, 1974), como também desenvolveu uma literatura com categorias fundamentais para discutirmos a situação das mulheres negras no Brasil.

No campo das intelectuais estadunidenses que trabalham a questão de gênero e raça, destacamos bell hooks² e Patricia Hill Collins. A teórica e ativista bell hooks contribuiu para nossa investigação, trazendo a perspectiva do feminismo negro norte-americano, discutindo o racismo através do processo educacional, além de trazer uma crítica na construção do feminismo por mulheres que acabam tangenciando a supremacia branca de seus discursos (HOOKS, 2015, p. 196). Com relação a socióloga Patricia Hill Collins, acreditamos que sua teoria é fundamental para a discussão de uma Sociologia do Conhecimento, revisitando algumas categorias do estudo de gênero e raça, repensando o papel da mulher afro-americana dentro da academia (COLLINS, 2016). Além disso, a autora contribui em sua obra para uma compreensão das diferenças e semelhanças do feminismo negro e mulherismo, ponto importante para nossa reflexão (COLLINS, 2017).

Nos cabe agora compreender como a produção intelectual de mulheres negras tem se desenvolvido no continente africano, situação que ocorre em uma dinâmica distinta do pensamento afro-americano ou brasileiro. Para discutirmos essas definições, nos apoiamos nos escritos da socióloga nigeriana Oyèronké Oyewùmí, a qual contesta a construção epistemológica do conceito de gênero no ocidente, apresentando as dificuldades da conceitualização africana nesse sentido (OYEWÙMÍ, 2004). Partindo da mesma posição, utilizamos o pensamento de *Clenora Hudson-Weems* (HUDSON-WEEMS, 2000), escritora e professora que *cunhou o termo ao qual nos referimos como mulherismo africana*³, nos permitindo observar como o mulherismo se relaciona com a formação dos coletivos negros no Brasil.

Com relação às escolhas teóricas desta pesquisa⁴, compreendemos as diversas correntes teóricas e buscamos desta forma destacar algumas autoras que têm sido trabalhadas no Brasil dentro de algumas formações de Coletivos. Para explicitar o processo de escolha, discutimos dentro da metodologia como nos aproximamos deste resultado.

2. METODOLOGIA

Para iniciar a compreensão dessa articulação teórica como a base da prática de alguns Coletivos, buscamos primeiramente identificar algumas formações existentes no Brasil que trabalharam com a produção intelectual de mulheres negras. Considerando os inúmeros empreendimentos nesse sentido, selecionamos os que foram realizados nos últimos três anos no estado do Rio Grande do Sul, devido a maior facilidade em função da distância para podermos entrar em contato com algumas mulheres responsáveis por essa formação. Por atividades de formação, compreendemos os cursos desenvolvidos pelos Coletivos. Foram selecionados os seguintes Coletivos: Atinuké e Akanni, ambos

2 O nome da autora está escrito totalmente em minúsculo devido a escolha da própria como nome autoral.

3 Cabe fazer a distinção deste termo com o de mulherismo da escritora Alice Walker, o qual possui outro significado.

4 Este trabalho está em desenvolvimento como tese doutoral no PPG em Ciências Sociais da Unisinos, no Grupo de Pesquisa Sibitxi: Gênero e Raça em Contextos Africanos e Latino-Americanos.

localizados em Porto Alegre. O Coletivo Atinuké⁵ foi idealizado em 2015 por Giane Escobar, Fernanda Escobar e Nina Fola, mulheres negras que tinham o propósito de desenvolver a intelectualidade negra a partir de escritoras negras. Já o instituto Akanni, foi fundado em 2005 se intitulando como uma ONG de mulheres negras, que dentre diversas atividades, possui o curso de Formação Dandaras, o qual destacamos como objeto de nossa investigação. Destacamos ainda, que na atual fase de pesquisa, estamos realizando o levantamento dos cursos e suas bibliografias, não se tratando de um estudo exaustivo sobre a formação e composição dos coletivos.

Em um segundo momento, selecionamos as bibliografias utilizadas nestes cursos, quando disponíveis, observando quais autoras foram discutidas, quais os propósitos das formações e perspectivas de conhecimento desenvolvidas. Deste modo, apresentamos abaixo algumas reflexões a partir dos resultados preliminares nesta fase inicial de levantamento das bibliografias utilizadas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Buscando delimitar o objeto de nossa investigação, acabamos por selecionar duas formações organizadas por Coletivos, nas quais algumas dessas foram excluídas por estarem sendo organizadas por indivíduos sem filiação a algum Coletivo. Do mesmo modo, atividades organizadas por universidades públicas e privadas não constaram em nossos resultados por mantermos nosso interesse em organizações de movimentos sociais. Desta forma, apresentamos o Quadro 1 contendo nossos resultados.

Quadro 1 – Coletivos e sua articulação intelectual.

Coletivo	Nome da Formação	Autoras trabalhadas
Atinuké	Sobre o pensamento de mulheres negras	Sueli Carneiro, bell hooks, Lélia Gonzalez, Beatriz Nascimento, Audre Lorde, Grada Kilomba, Angela Davis, Oyèronké Oyewùmí, Patricia Hill Collins, Kimberlé Crenshaw.
Akanni	Construindo o Pensamento Crítico e Promovendo Formação Política com Mulheres Negras no Rio Grande do Sul	Sueli Carneiro, Oyèronké Oyewùmí, Beatriz Nascimento, bell hooks, Judith Butler, Joan Scott, Patricia Hill Collins, Linda M. Heywood.

Como poder ser observado no Quadro 1, com a escolha dos dois coletivos, existe uma diversificação entre autoras africanas, brasileiras e norte-americanas. Em contato com mulheres dos dois primeiros coletivos, ambas relataram que a bibliografia variava ao longo das formações sendo incorporadas outras autoras. No entanto, as citadas no Quadro 1 formam a base bibliográfica.

No que se refere ao Coletivo Atinuké, este se insere em uma perspectiva do mulherismo, buscando incentivar o pensamento de mulheres negras, de modo que as participantes possam atuar dentro e fora da academia.

Já o coletivo Dandaras trabalha tanto em um viés do mulherismo, quanto do feminismo negro, buscando através de sua formação capacitar mulheres negras para ocupar cargos políticos no Estado do Rio Grande do Sul.

De um modo geral, o que destacamos é uma intenção de mudar um cenário social de forma coletiva, com a apropriação de teorias produzidas por

⁵ Mais informações sobre o Coletivo pode ser encontrado no link da página: <https://www.facebook.com/atinukemulheresnegras/>

mulheres negras, buscando deste modo a emancipação, palavra que foi descrita em todos os coletivos.

4. CONCLUSÕES

Esta pesquisa, que se encontra em andamento, tem por objetivo analisar de que modo mulheres negras têm se organizado coletivamente e usado da intelectualidade de diversos países e do próprio Brasil como forma de crítica e de emancipação. Consideramos que as atividades de formação desenvolvidas pelos Coletivos em questão têm se tornado um processo de descolonização que não se restringe apenas ao campo semântico, buscando envolver os diversos aspectos das participantes, compreendendo suas vidas e suas produções como políticas. Desta perspectiva, consideramos esta forma de organização em Coletivos como um ativismo político intelectual de mulheres negras.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aldridge, Delores P., and Carlene Young. ***Out of the Revolution: The Development of Africana Studies***. Lanham, Md: Lexington Books, 2000.
- BRAH, Avtar; PHOENIX, Ann. Ain't IA woman? Revisiting intersectionality. **Journal of international women's studies**, v. 5, n. 3, p. 75-86, 2004.
- CARNEIRO, A. S. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. 339 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade de São Paulo.
- COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. **Sociedade e Estado**, v. 31, n. 1, p. 99-127, 2016.
- COLLINS, Patricia Hill. O que é um nome? Mulherismo, feminismo negro e além disso. **Cadernos Pagu**, v. 51, p. 1-24, 2017.
- HOOKS, Bell. Mulheres negras: moldando a teoria feminista. **Revista Brasileira de Ciência Política**, v. 16, p. 193-210, 2015.
- NASCIMENTO, Beatriz. Negro e racismo. **Revista de Cultura Vozes**, v. 68, n. 7, p. 65-68, 1974.
- OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. Conceptualizing Gender: The Eurocentric Foundations of Feminist Concepts and the challenge of African Epistemologies. African Gender Scholarship: Concepts, Methodologies and Paradigms. **CODESRIA Gender Series**. Volume 1, Dakar, CODESRIA, 2004, p. 1-8 por Juliana Araújo Lopes.